



DRAUZIO

CHECAGENS

Não é possível afirmar que o herbicida glifosato cause autismo

REDAÇÃO DROPS | 9 de maio de 2018

Revisado em 30 de maio de 2018

Muito utilizado na agricultura, o glifosato ganhou projeção mundial não só por seu uso na agricultura, mas também por controvérsias em torno de seus efeitos na saúde e no meio ambiente. Uma das que ganhou maior repercussão foi a de que ele estaria fortemente relacionado ao **autismo**, de tal maneira que, até 2025, 50% das crianças apresentariam o distúrbio por conta da substância.

QUEM DISSE? Originalmente a declaração feita em um congresso foi publicada na revista “[Alliance for Natural Health USA](#)” e, depois, em diversos jornais e *websites* em todo o mundo, como por exemplo o “[Jornal O Nortão](#)”, no Brasil.

O QUE DISSE? “[Glifosato causará autismo em 50% das crianças até 2025, afirma cientista do MIT](#)”

QUANDO DISSE? 05/06/2014 (declaração original)

CHECAGEM: Insustentável

De acordo com as informações de literatura científica, não há evidências de que o glifosato cause autismo. Ainda, a pequena porção que pode ser absorvida no organismo é rapidamente eliminada, não deixando resíduos.

CONTEXTO

Herbicidas à base de glifosato estão no mercado desde a década de 1970 e seu uso tem sido cada vez mais frequente, principalmente por causa do desenvolvimento de culturas resistentes a ele, o que permite que as ervas daninhas sejam eliminadas sem prejudicar as plantações.

Há muitos estudos envolvendo o glifosato e, portanto, muitas opiniões controversas.

Em 2014, a [dra. Stephanie Seneff](#), uma pesquisadora da área de Ciência da Computação e Inteligência Artificial do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, divulgou em uma

conferência que “o glifosato causará autismo em 50% das crianças até 2025”.

Veja também: [Brasileiro não deve se preocupar com arsênio em arroz](#)

Será que o glifosato pode realmente causar autismo? A **DROPS** checkou.

O QUE DIZ A CIÊNCIA

A afirmação da pesquisadora foi resultado de correlações feitas por ela, que utilizou apenas a taxa de pessoas diagnosticadas com autismo e a taxa de uso de glifosato, sem apresentar nenhuma evidência científica de que existe uma relação de causa e efeito entre os dois eventos.

É necessário salientar que o modo com que se realiza o diagnóstico de autismo no mundo mudou, permitindo detectar mais casos de autismo com maior eficiência do que se tinha antes, graças à mudança dos critérios de diagnóstico e do conhecimento sobre o distúrbio, o que não significa, necessariamente, que houve um aumento no número de crianças com autismo.

Como consta em um extenso [relatório da Organização Mundial da Saúde \(OMS\)](#), o glifosato foi estudado em animais que têm o metabolismo muito parecido ao de seres humanos e foi detectado que ele é pouco absorvido pela via oral, ou seja, pela comida e bebida que ingerimos.

Além de ser pouco absorvido, ele é rapidamente excretado, permanecendo por poucas horas no organismo. Também foi observado que o glifosato não se acumula no organismo. Em animais, o glifosato não causou nenhum efeito tóxico no sistema neurológico ou doença crônica.

Para chegar à conclusão de que o glifosato causa autismo, a dra. Seneff correlacionou o famoso praguicida à diminuição de manganês no organismo. Com base em um [estudo no qual monitorou as concentrações de manganês em vacas](#) que se alimentaram com ração contendo ingredientes tratados com glifosato, ela elencou todos os possíveis distúrbios que a diminuição desse mineral poderia causar no organismo, incluindo o autismo.

Em palestra que ficou famosa mundialmente, em junho de 2014, a dra Seneff apresentou [gráficos que aparentemente demonstravam que o aumento do uso do glifosato estava diretamente ligado ao aumento de autismo](#), assim como de outros distúrbios. Nessa ocasião a pesquisadora utilizou-se de [raciocínio dedutivo](#) para defender suas afirmações. Isso quer dizer que [seus estudos não se basearam em evidências, mas em correlações que não necessariamente demonstram causa e efeito e claramente deixam de lado a biologia.](#)

Em outras palavras, para a dra. Seneff temos a seguinte relação:

1. o glifosato prejudica a absorção de manganês;

2. a deficiência de manganês está relacionada ao autismo;

3. logo, o glifosato causa autismo.

No entanto, o raciocínio dedutivo da equação não substitui as evidências clínicas e científicas necessárias para a comprovação de que o glifosato causa autismo. A correlação entre “o aumento do uso de glifosato e o aumento das taxas de autismo” não prova nada e indica apenas um erro conhecido como “falácia de correlação-causalidade”, pois correlações não estabelecem causalidade.

Em nossas pesquisas na literatura científica não encontramos estudos consistentes que forneçam evidências que comprovem que o glifosato causa autismo. **Ou seja, a afirmação o “Glifosato causará autismo em 50% das crianças até 2025, afirma cientista do MIT” é cientificamente INSUSTENTÁVEL.**

Vale ainda mencionar que o diagnóstico de autismo no mundo evoluiu. Atualmente é possível detectar mais casos da doença e com maior eficiência do que antes, graças à mudança dos critérios de diagnóstico e do conhecimento sobre o distúrbio, não significando, necessariamente, que houve um aumento no número real de crianças com doenças do espectro autista.

REFERÊNCIAS:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4392553/>

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5705608/>

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4538578/>

<https://www.youtube.com/watch?v=i6j0wIhUr1M>

http://people.csail.mit.edu/seneff/glyphosate/Groton_Seneff.pdf

<http://people.csail.mit.edu/seneff/>

<http://apps.who.int/pesticide-residues-jmpr-database/pesticide?name=GLYPHOSATE>

Sobre o autor: Redação Drops



Drops é a primeira plataforma brasileira dedicada exclusivamente a checar o grau de veracidade de notícias sobre saúde veiculadas na imprensa e nas redes sociais, baseados no fact checking e na busca por evidências científicas em publicações indexadas e instituições de referência. Visite: droplab.org